



EDITORIAL

O desenvolvimento recente de dinâmicas nacionais e internacionais dirigidas à Criança, considerando os contextos de vida e os constrangimentos existentes de natureza familiar, social, jurídica e pedagógica, implicam uma associação de esforços entre várias instituições, no sentido de viabilizar os projectos e as iniciativas consideradas úteis a tal objectivo.

Neste sentido, tem existido nos últimos anos uma ligação próxima entre a Faculdade de Motricidade Humana e o Instituto de Apoio à Criança, materializado já em diversos projectos da área da actividade lúdica e da defesa do direito de brincar. Esta colaboração, desde há cerca de dois anos, culminou com um protocolo de cooperação, cujo âmbito vai da defesa dos direitos da criança, à formação de recursos humanos especializados no desenvolvimento da criança e à intervenção nas políticas sectoriais a ela dirigidas.

Este tipo de cooperação é revelador, por um lado, do reconhecimento por algumas instituições da intervenção do IAC e, por outro, da preocupação de fazer acompanhar de suporte técnico e científico, nomeadamente em termos de investigação, as actividades que dedicamos à Criança, primeiro e último destinatário das nossas iniciativas.

Dáí, que constituam como que um paradigma as diferentes formas de cooperação com a FMH, indicadoras de que ao diversificar este tipo de entajuda estaremos certamente a contribuir para um enriquecimento da nossa acção.

PÁG. 6/7

URMEIRA AUMENTOU SUCESSO ESCOLAR



TEMPO DE PERFEITO AMOR

MARIA CECÍLIA CORREIA

PÁG. 4/5



DISCIPLINA E INDISCIPLINA NA AULA

APESAR DE TÃO ANTIGA COMO A PRÓPRIA ESCOLA, A PROBLEMÁTICA DA INDISCIPLINA NA ESCOLA E NA AULA PREOCUPA PAIS, PROFESSORES E ALUNOS.

PÁG2/3

DISCIPLINA E INDISCIPLINA NA AULA

JOÃO AMADO *

"Ainda é preciso pensar como deslocar o professor de uma situação de superioridade, por causa do seu saber, para uma companhia na descoberta."

RAUL ITURRA (1)

APESAR de "tão antiga como a própria escola", a problemática da indisciplina na escola e na aula preocupa grandemente pais, professores e alunos, quer pelas consequências académicas que ela acarreta (associa-se muitas vezes ao insucesso), quer pelas dificuldades de relacionamento e de interacção que provoca, dando origem a um clima de mal-estar e de stress que não beneficia ninguém.

Abordaremos o conceito de disciplina em contraste com o de indisciplina, motivo pelo que iniciaremos a nossa análise a partir deste último.

A INFRACÇÃO DISCIPLINAR

Em que poderá consistir uma infracção disciplinar?

Num acto voluntariamente praticado por qualquer membro de uma instituição ou organização, com vio-

lação dos deveres específicos do estatuto e papel que lhe é atribuído, ou com ofensa a deveres gerais de todo o cidadão, consignados nas leis, costumes e moral social.

A DISCIPLINAÇÃO — REGRAS, SANÇÕES

As formas concretas de "disciplinação" variam consoante a instituição ou organização em causa, o que permite falar em várias espécies de disciplina — familiar, militar, desportiva, de trabalho, da função pública, eclesiástica, escolar, etc. As regras e sanções (regulamentos) fazem parte desses sistemas de "disciplinação", possuindo, aquelas, um carácter integrador do indivíduo na ordem e na plenitude das suas funções e estas um carácter intimidador dos possíveis infractores.

ESCOLA COMO ORGANIZAÇÃO

A escola é uma das instituições criadas pelo poder político e por ele mantidas a fim de que, pela sua acção, sejam alcançados alguns dos fins e objectivos que ele se propõe conseguir para a sociedade. Com efeito, à escola compete a formação de um determinado tipo de homem que o poder político considera adequado às suas necessidades e à sua filosofia.

Escusado será dizer que esse padrão variou e varia ainda consoante os contextos histórico-sociais que determinam os interesses dominantes. A actual Lei de Bases do Sistema Educativo Português esboça o perfil do cidadão a formar, tendo em conta "as necessidades resultantes da realidade social" em que vivemos. Propõe-se, assim, que o sistema educativo contribua para:

— "O desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsá-

veis, autónomos, solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho".

— "O desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva". (2)

Poderá a escola, como organização complexa que é, alcançar estes objectivos do sistema educativo (parte integrante do sistema político) sem um conjunto, igualmente complexo, de regras que assegurem o seu "bom funcionamento"?

DISCIPLINA ESCOLAR — MEIO OU FIM?

Quanto a isso não temos dúvidas — as regras são imprescindíveis; podemos ter dúvidas, sim, quanto ao que deve entender-se por "bom funcionamento" da escola — se o pleno cumprimento de tarefas educativas no sentido de uma efectiva abertura, pessoal e livre, da criança e do jovem para os valores apontados pela Lei (e que são a síntese de um consenso estabelecido na Carta dos Direitos Humanos), ou se o cumprimento rotineiro, sem sobressaltos, de um conjunto de tarefas burocrático-administrativas (observância de programas, selecção e estratificação de alunos tendo em conta o seu conformismo às regras e o seu desempenho escolar, etc.). Dúvidas, enfim, que só nos assaltam porque a evidência empírica e a investigação têm demonstrado, em boa medida, que o fiel da balança tende mais para este último lado (apesar dos esforços e boa vontade de muitos docentes), até por constrangimentos de ordem cultural, o que confere um carácter impositivo às regras e vivências em

BOLETIM DO IAC
N.º 29
JANEIRO/FEVEREIRO 1994
director

Matilde Rosa Araújo
coordenação
Grupo Técnico do IAC
António Torrado
Clara Castilho
Leonor Santos

edição
Instituto de Apoio à Criança
Largo da Memória, 14
1300 Lisboa

concepção gráfica
e produção
Joana Imaginário
fotolitos
Roseta Lda.
impressão
Tipografia Lugo
depósito legal
N.º 74 186/94
tiragem
3000 ex.

geral da escola, e da sala de aula em particular, transformando a relação pedagógica numa relação de força por parte do professor e de subserviência por parte do aluno, em profunda contradição com os objectivos da retórica legislativa.



Na realidade, o “desfasamento entre o que prega e o que pratica continua a ser excessivamente gritante. A escola, em todos os níveis, tornou-se o lugar privilegiado da contradição — defende-se a cooperação e fomenta-se a competição; exalta-se a criatividade e pratica-se a standardização; sustenta-se a necessidade de personalização e faz-se massificação; prega-se a igualdade de oportunidades e produz-se segregação (...), em nome da liberdade e do respeito de si e do outro, origina-se a irresponsabilidade e a violência...” (3) Haverá indisciplina mais grave do que esta, originada e alimentada pelo próprio sistema?

O JOGO DAS REGRAS

Para que deveriam servir, então, as regras, imprescindíveis numa or-

ganização como a escola (note-se, a escola que temos)? Para promover, em todos os seus membros, a verdadeira disciplina que entendemos como a interiorização e a vivência de regras que permitam ao indivíduo e ao grupo autogovernar-se e actuar num equilíbrio dinâmico entre fins pessoais e colectivos.

A disciplina assim entendida implica que ninguém fique de fora no estabelecimento das regras que são a sua própria condição — ela não é mais um fim em si (inatingível e, mais do que isso, desumano), mas como meio ao alcance de todos. É

nesse envolvimento de todos e de cada um, como num jogo colectivo, que se forma o cidadão, livre, responsável, autónomo, solidário e capaz de valorizar a dimensão humana do trabalho.

O PROFESSOR COMO GESTOR DE RELAÇÕES HUMANAS

Isto implica que a responsabilidade que o professor tem de exercer algum controlo na vida da sala de aula não se fundamente e legitime no mero facto de ele estar ali como “mandatário” do poder político (as “muitas sobrevivências do magistrocentrismo tradicional” que ainda se verificam na escola portuguesa contemporânea (4), são um reflexo desta posição); pelo contrário, o professor tem de estar ali como promotor e gestor das rela-

ções humanas, procurando o justo equilíbrio entre o poder e a autoridade intelectual e carismática, entre a permissividade e o autoritarismo, entre a rigidez e a flexibilidade, entre o dirigismo e a espontaneidade, entre as liberdades individuais e colectivas, entre o trabalho estruturado e o autónomo, entre a competição e a cooperação, entre o que a escola oferece e o que cada um traz da casa e da rua.

Ele, professor, tem de estar ali, como uma entre tantas outras “companhias na descoberta”, fazendo da sala de aula um lugar de encontro, sem outros fins se-

não os da busca da realização e de um sentimento de plenitude, como se de um jogo se tratasse. Desse jogo, estamos certos, surgiriam os necessários mecanismos de compreensão e denúncia do arbitrário e da “desordem” da vida.

(1) Raul Iturra, *Fugirás à Escola para Trabalhar a Terra*, Lisboa, Escher, 1990, p. 59.

(2) Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, art.º 2.º, 4) e 5).

(3) A. Estrela, *Teoria e Prática de Observação de Classes*, Lisboa, INIC, 1984, p. 59.

(4) M. T. Estrela, *Relação Pedagógica: Disciplina e Indisciplina*, Porto, Porto Editora, 1992, p. 110.

MARIA CECÍLIA CORREIA CORAJOSA E FRÁGIL

MATILDE ROSA ARAUJO

EM pleno Inverno, pela época do Natal, Maria Cecília Correia deixou-nos com a doçura silenciosa com que sempre viveu. Doçura que era força de um coração humaníssimo que lutava com dignidade contra todas as amarguras. Corajosa e frágil Mulher!

Mestre Agostinho da Silva, seu grande Amigo, olhava-a como um Zorba e São Francisco de Assis coincidentes na sua rara personalidade.

É lugar-comum dizermos que há heróis, heroínas que passam todos os dias ao nosso lado sem deles nos apercebermos. Maria Cecília era, na verdade do seu ser, do seu estar, uma verdadeira heroína. Que transportasse em suas mãos doridas lá-

grimas e flores que transiam de frio o seu jardim: jardim estranho e singelo, secreto, ia a dizer sagrado. Florescendo a um estranho Sol.

Há quanto tempo conheci Maria Cecília? Julgo que ela foi mais uma dádiva de Maria Lúcia Namorado, nobre e generosa tecedeira de amigos, tecedeira de fraternidades.

Depois conheci as tão simples e tão belas *Histórias da Minha Rua* (Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho), *Histórias de Pretos e Brancos* (Edições Portugália), *História do Ribeiro*, *O Amor Perfeito*, *Histórias da Minha Casa*, *O Besouro Amarelo*, *Bom Dia* (edições da autora).

Em escassos anos, nestes livros publicados, Maria Cecília deu-nos o poema do seu amor de mãe — não só dos seus filhos mas das crianças da sua rua, das crianças de outras raças, da cidade, da aldeia,

do Mundo, afinal. São histórias reais que no real ensinam a sonhar, a entender as flores mágicas da infância, que chegam às nossas crianças através da sua inscrição em muitos livros escolares.

Depois, talvez Maria Cecília, não tendo jeito para se movimentar nos reinos editoriais, a sua voz na imprensa escrita calou-se, ficou-se naqueles livros simples e admiráveis, ilustrados ou por Maria Keil ou por fotografias do seu filho António Cabral Castilho.

Depois, apenas publicou *Pretérito Presente*, livro para adultos,



CONHECI Maria Cecília Correia nos anos 70. Por essa época pessoas havia que se uniam fazendo frente ao esquecimento da infância, lembrando o direito de brincar, o acesso ao livro, ao espectáculo. Fui parar a um desses grupos pela mão amiga de Matilde Rosa Araújo, que me proporcionou o encontro com Maria Cecília. Não me recordo das palavras que trocámos, só sei que o seu rosto olhava de frente, uma atitude firme, uma expressão inteligente e um pouco magoada, plena de acordes de sensibilidade e observação perspicaz. O cabelo curtinho, preto, e a cabeça um pouco inclinada.

Para celebrar o Dia Internacional do Livro para a Infância e Juventude, um grupo de es-

critores, entre os quais se encontrava Maria Cecília, e de pessoas interessadas por estas questões, ligadas ou não à LUDUS, procuravam pôr de pé, na Sociedade de Belas Artes, um espaço criativo e recreativo, aberto à infância.

Aí, durante uns dias, delimitaram-se áreas de expressão plástica, do livro e do conto e, bem longe ainda da palavra ludoteca, a área de brinquedos. Todo o mundo mágico dos objectos e das palavras que, pela mão dos intervenientes, crianças e adultos, adquiriram uma vida e um corpo personificado.

Alguém se encarregou de ir buscar as crianças aos bairros escondidos de Lisboa e da periferia. Vinham em autocarros ou em carrinhas, vestidas tal e qual como andavam nas ruas onde moravam, outras cujas famílias sabiam desta iniciativa chegavam com os pais. E

O SIGNO

naquele espaço de jogo, contentes a brincar, a experimentar, a ouvir histórias, a folhear, a observar e ler livros. Um sonho de poucas horas. Um primeiro passo da ludoteca/biblioteca.

Maria Cecília pertencia a este grupo e os nossos contactos tornaram-se regulares. Depois parti para Paris. Numa das minhas vindas a Lisboa, em 76, encontrámo-nos de novo. Maria Cecília acabava de publicar *Pretérito Presente*, que veio fazer-me companhia no meu regresso a Paris. Entretanto em França, perante o crescente número de portugueses aí residentes, as bibliotecas municipais manifestaram interesse em conhecer a literatura portuguesa para a infância, solicitando nomes de autores portugueses e títulos de livros. Maria Cecília lá ficou nas estantes

A ÁGIL MULHER!

que jovens leram e amaram.

Mas, para além deste património de criadora de histórias, outro ela legou: todos os anos, pelas alturas do fim de Dezembro, princípios do Ano Novo, fazia chegar aos amigos, mansa e fielmente, os seus livros de folhas A4, dactilografados com carinho, os poemas em prosa do seu diário: envoltos numa capa de cartolina, embrulhados em papel de delicadas flores. Como se fosse a própria Maria Cecília que nos chegasse, essa embrulhada no seu casaco modesto, símbolo do despojamen-

to das vaidades da Vida. Era como se a própria poesia da Amizade nos visitasse.

Nesses cadernos, julgo estar contido material de um diário estranho e muito simples, maravilhosamente apaixonado da Vida, sabendo a Morte, convivente com pássaros, flores, todas as teias do encantamento humano. Por último, o poema convivente com Rosa, a neta pequenina, que ela entende e por ela é entendida num fechar de ciclo temporal Velhice/Infância.

Noutros planos vivenciais, vivemos os diários de Cecília irmãos das páginas de uma Katherine Mansfield: confissões de aves feridas que têm uma voz de magoadas melodias.

Para além da reedição dos seus livros para a infância, julgo que estes cadernos de diário devam ser

editados para todos os leitores. Para que todos entendêssemos *O Tempo do Perfeito Amor* que foi a sua vida de mulher.



ILUSTRAÇÃO DE MARIA KEIL
DO LIVRO DE CONTOS
HISTÓRIAS DA MINHA CASA

DA ROSA

reservadas à literatura portuguesa, como tantas outras e outros escritores.

Aliás, as figuras criadas por Maria Cecília habitavam com frequência os nossos quotidianos nos Cursos de Língua e Cultura Portuguesa. *Histórias de Um Ribeiro* ecoava nos meninos imigrantes em Paris e arredores, muitos recém-chegados, a vida no campo (quase todos vinham do meio rural), a casa construída por "o pai, a mãe e ainda um irmão da mãe e alguns amigos"... Aqueles meninos gostavam do Jucelino, tão perto deles, pela recordação cheia de afecto, das estadias em Portugal, nas férias, duramente sentidas pela lonjura do país. Jucelino atenuava a distância. As *Brincadeiras da Clara*, que referenciam o lúdico, o imaginário na troca do brincar da

Mãe e da Clara. Aquela cama alta, aquele céu sobre a casa dos ratinhos onde um sapato era a cozinha e o outro a casa de jantar e o convívio com a quintadeira mais as suas laranjas.

Em 87/88, estes textos foram inseridos numa recolha para a exposição "Brincar através da pintura", no Centro Artístico Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian. Também na exposição "Mostra de Materiais Pedagógicos", na Escola Superior de Educação de Setúbal, no espaço proposto pelo IAC (Actividade Lúdica) em colaboração com o Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian, com o tema "Objectos, Palavras e Imagens", se utilizaram os livros de Maria Cecília Correia.

"Nasci no signo da rosa" (1). A rosa permanece na teia de palavras abrigadas nas páginas dos livros (Edições da Autora) desta nossa

amiga Maria Cecília que escreveu: "... como é triste que a escada fique silenciosa, cada vez mais, acompanhando com o ruído tão leve a minha solidão".

MARIA DE FÁTIMA LEAL

(1) Maria Cecília Correia, *Préterito Presente*, Edição da Autora.

OITO ANOS REAIS DE INTERVENÇÃO DO IAC

URMEIRA

AUMENTOU SUCESSO ESCOLAR

O PROJECTO DE INTERVENÇÃO EM BAIROS DEGRADADOS INICIADO PELO IAC EM 1985 TEVE COMO EXPERIÊNCIA PILOTO O TRABALHO REALIZADO NO BAIRO DE SANTA MARIA DA URMEIRA, EM LISBOA. O SUCESSO ESCOLAR, PRINCIPAL OBJECTIVO DOS ORGANIZADORES E INTERVI-

NIENTES, FOI FRANCAMENTE MELHORADO — GRAÇAS À COLABORAÇÃO DE TODOS. EDUCADORES, ALUNOS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO.

Trabalho dirigido à promoção do sucesso escolar junto da população infantil — que contou com o estabelecimento de um protocolo entre a Direcção-Geral do Ensino Básico e o

IAC —, foi realizado de forma contínua desde Outubro de 89. A equipa então constituída elaborou um projecto de actividades cujos objectivos gerais — contribuir para a autonomia e desenvolvimento da comunidade/população; promover o sucesso escolar e o interesse e implicação da população infantil para a aprendizagem escolar; contribuir para a formação e desenvolvimento global da criança — foram a sua linha condutora ao longo dos quatro anos de intervenção.

tor a longo dos quatro anos de intervenção.

A intervenção, realizada através dos técnicos de três áreas profissionais — psicologia clínica, política social e motricidade humana —, abrangeu diferentes zonas e instituições do bairro, como posto de saúde, jardim de infância, Escola nº 1 da Urmeira, União Desportiva, animação de grupos das instalações dos serviços sociais, animação no bairro.

Todo este projecto foi realizado ao longo destes anos com a colaboração do Governo Civil, Assembleia Municipal de Lisboa, Câmara Municipal de Loures, Ministério da Educação, Segurança Social e Saúde, através das suas delegações em Odivelas, Junta de Freguesia e Centro Paroquial da Pontinha, assim como todos os técnicos e população do próprio bairro.

Os relatórios de actividades apresentados no início e fim de cada ano lectivo permitiram acompanhar os resultados e adaptações do projecto às

II ENCONTRO SOBRE O JOGO E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O DIÁLOGO RENOVADO

HA dois anos, em Outubro de 1991, realizava-se o I Encontro "O Jogo e o Desenvolvimento da Criança — Perspectivas de Investigação". Os objectivos definidos então tiveram agora repercussão, quando do II Encontro, nos dias 10, 11 e 12 de Janeiro último, na Fundação Gulbenkian. Há quatro anos, foram 90 os participantes, número que este ano atingiu os 360 — o que revela o interesse suscitado pelo tema em debate.

De facto, sendo o estudo do jogo hoje possível através de múltiplas abordagens de natureza científica, é na sua relação com o desenvolvimento da criança que se encontra o maior interesse. Reflectir regularmente sobre os problemas, as estratégias e os caminhos de investigação sobre esta temática, naturalmente complexa, metodologicamente difícil de



definir, é altamente atraente, dado o seu carácter multidisciplinar.

Ao centrar-se sobre as mudanças sociais e as suas consequências na rotina da vida das crianças, o seminário manifestou particular interesse pela forma como a família e outros agentes de socialização organizam os seus tempos livres. Procurou-se, por outro lado, dar relevo às concepções e representações sobre o jogo na infância, bem como à gestão das práticas e contextos lúdicos considerando o plano das tradições culturais.

A realização do II Encontro "O Jogo e o Desenvolvimento da Criança — Perspectivas de Investigação" correspondeu a mais uma possibilidade de renovar o diálogo entre os que de modo teórico ou prático abordam a problemática da actividade lúdica e do desenvolvimento, e entre os que, numa perspectiva biológica, psicológica, linguística ou mesmo social, estão interessados em participar de modo significativo neste intercâmbio de informação e de experiência.



necessidades do bairro, aí se encontrando uma descrição dos objectivos específicos, métodos e técnicas utilizados.

AValiação DE RESULTADOS

A avaliação do Projecto pode ser realizada através das informações quantitativas e qualitativas. As primeiras puderam ser recolhidas junto da escola primária, permitindo assim avaliar o segundo e o terceiro objectivos.

Uma análise quantitativa, revela que as reprovações, da 1ª para a 2ª classe, foram, em 85/86, de 52% e, em 86/87, de 49%. De 87/88 a 92/93, as reprovações, nas passagens da 1ª fase-2º ano para a 2ª fase-1º ano, começaram por ser de 45% no primeiro ano lectivo para se fixarem nos 24% no último.

Conclui-se por estas percentagens que a grande diminuição do número de reprovações se verifica dois anos após o início da intervenção desta equipa na escola.

Quanto à conclusão da escolaridade em quatro anos, ela era de 20% em 86/87 e atingia 45% em 89/90. Os inscritos e finalistas da 2ª fase-2º ano eram 68% em 89/90 e 75% em 92/93.

A intervenção psicológica centrou-se, ao longo destes quatro anos em termos de prevenção das dificuldades escolares, nos dois primeiros anos de escolaridade. Assim, a avaliação do trabalho realizado pela equipa na 1ª fase ao longo dos últimos três anos só poderá ser feita a partir dos resultados obtidos de futuro no que diz respeito à percentagem

de crianças que terminam a escolaridade em quatro anos.

UM TRABALHO DE EQUIPA

Do trabalho conjunto realizado até 1993, quando ficou concluído o Projecto, podemos ainda fazer uma avaliação puramente qualitativa. Para esses indicadores utilizamos o gosto que a equipa de saúde escolar já constituída teve em integrar este projecto nas suas actividades, os bons resultados no trabalho com as educadoras que permitiu a prevenção das dificuldades de aprendizagem numa fase ainda precoce, o empenho do corpo docente da escola primária em todas as actividades propostas e, por fim, a colaboração crescente dos pais, nas actividades dos seus filhos como na sua presença quando convocados para reuniões.

Da avaliação quantitativa é possível concluir uma clara melhoria nos índices de sucesso escolar passados dois anos desde o início deste projecto.

A par de todos os factores sociais, económicos, políticos e culturais que se deram ao longo dos oito anos reais de intervenção do IAC no Bairro de Santa Maria da Urmeira, é razoável concluir que a contribuição dos elementos do Instituto foi significativa e que os objectivos inicialmente propostos — desenvolvimento da comunidade, promoção do sucesso e interesse das crianças na aprendizagem escolar e consequente contributo para a formação e desenvolvimento global da criança — foram conseguidos.

B R E V E S

O IAC E A REDE EUROPEIA DE ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS organizaram uma conferência sobre "Acolhimento de crianças e qualidade de serviços (creches familiares, jardins de infância, amas)", proferida por Helen Penn, especialista inglesa do Departamento de Desenvolvimento Infantil do Instituto de Educação da Universidade de Londres, no dia 9 de Fevereiro, no Auditório da Fundação Gulbenkian.

O PROJECTO DE TRABALHO DE RUA inaugurou o Centro de Emergência — Ponto de Encontro, na R. dos Douradores, 100, 2º, dtº, em Lisboa, no dia 22 de Fevereiro. O bispo auxiliar do Patriarcado de Lisboa, D. Januário Torgal Ferreira, celebrou missa na Igreja de S. Nicolau. Este Centro de Emergência foi totalmente recuperado e equipado pela empresa Royal Brands.

O GRUPO DA ACTIVIDADE LUDICA DO IAC organizou dois "ateliers" sobre "Brincar com Papel", nos dias 8, 9, 16 e 17 de Fevereiro, que contaram com a presença de 35 profissionais de educação e foram orientados por Filomena Viegas e Ana Duarte. Foram desenvolvidas técnicas de construção e exploração de objectos lúdicos com papel e outros materiais afins, com o objectivo de estimular vivências e experiências lúdicas com crianças.

IAC PRESENTE

Manuela Nogueira, no programa Ponto por Ponto, no dia 9/11/93, falou sobre a Exposição-Venda de Quadros no Centro Cultural de Belém, a favor do IAC, de 2 a 8 de Novembro.

Manuela Eanes participou no "Pontos nos 11" da RDP Internacional, no dia 13/1/94, com Raquel Ribeiro e um elemento do Patriarcado. O tema foi "A família".

Maria Celeste Garção Nunes e Pedro Rodrigues participaram no Curso de Formação "O Trabalho de Rua", realizado no Instituto Superior Bissaya Barreto.

Maria Pilar Ribeiro participou na reunião de trabalho de elementos que integram o Projecto de Desenvolvimento do Ambiente Social no Governo Civil.

Leonor Santos participou no programa Ponto por Ponto, a 10 de Janeiro, e na TV4, dia 11, para falar sobre o encontro O Jogo e o Desenvolvimento e a importância da actividade lúdica.

Manuela Eanes esteve presente no Fórum Europeu da Criança, de 17 a 20 de Fevereiro, em Faro, reunião organizada pelo Refúgio Aboim Assunção.

SOS DIVULGAÇÃO ALARGADA

No âmbito da divulgação do SOS-Criança, diversas entidades e empresas colaboraram com este serviço do IAC.

O Jardim Zoológico disponibilizou espaço para a divulgação de painéis, espalhados pelo jardim. A criança nos transportes públicos foi tema também ilustrado na RN e na Carris. Ainda na área da divulgação, registou-se a disponibilidade da CML, que a fez através dos seus painéis publicitários.

200 t-shirts com o logotipo do SOS foram oferecidas pela Campanha de Seguros Fidelidade, para serem distribuídas por crianças e jovens; a Rank Xerox Portugal elaborou 200 exemplares, a cores, do poster do SOS-Criança. Um donativo em dinheiro foi oferecido pela Nestlé.

Na área da comunicação social, refira-se que, no mês de Dezembro, o coordenador do SOS-Criança, dr. Manuel Coutinho, participou, no dia 8, num debate do programa Praça Pública, da SIC, sobre o tema "Criança Maltratada", e foi entrevistado por Helena Gatinho, para o "Expresso" (Saúde). O coordenador do SOS e a dr^a Ana Perdigão foram ainda entrevistados por Madalena Salema para a revista "Teenager", na rubrica "Adolescentes e a Lei". Em Janeiro, no dia 24, Manuel Coutinho participou no debate sobre violência na criança em "Crimes", da RTP2, e no dia 9, na Antena 1, sobre "Situação da criança em risco", tema também abordado por Maria João Pena na Rádio Miramar. Esta técnica, juntamente com Jorge Ferreira, realizaram um colóquio, na Escola C+S de Odivelas, sobre a problemática dos maus tratos.

PROTOCOLO ENTRE O IAC E A FMH

O Instituto de Apoio à Criança e a Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, tomando como quadro de referência a Ratificação Internacional dos Direitos da Criança e reconhecendo a responsabilidade e importância de conjugarem as respectivas vocações e meios, celebraram um protocolo de cooperação.

Destinado a estabelecer as condições gerais de compromisso quanto aos objectivos estatutários da IAC e às competências de formação, investigação e apoio à Comunidade do FMH, nomeadamente em relação à defesa dos Direitos da Criança, formação de recursos humanos especializados no desenvolvimento da criança e intervenção nas políticas sectoriais dirigidos à Criança, o protocolo estabelece as seguintes modalidades de cooperação: assegurar informações publicadas ou outras sobre a caracterização da criança portuguesa; facultar a ligação com organizações internacionais por alguma forma implicadas na defesa dos Direitos da Criança; apoiar diligências junto de entidades de tutela governamental para a obtenção de meios ou medidas que possibilitem a realização de programas conjuntos; facilitar a participação de docentes investigadores e de estudantes dos cursos de licenciatura ou de pós-graduação da FMH em programas de estudos no desenvolvimento da criança, por parte do IAC.

À FMH compete garantir a existência de linhas de investigação e de acções de formação especificamente centradas sobre o Desenvolvimento da Criança; desenvolver diligências para a criação conjunta de um Observatório sobre a Criança Portuguesa; facilitar o acesso ao seu património histórico, lúdico, instrumental, editorial e bibliográfico, bem como acções de formação aos técnicos que colaborem com o IAC; empenhar-se através dos seus recursos humanos e materiais no apoio aos programas desenvolvidos pelo IAC.

O protocolo é gerido por um representante designado por cada uma das partes, aos quais compete elaborar as propostas de actividades conjuntas e coordenar a respectiva execução.

Por último, estabelece o protocolo que poderão ser extensivas à participação de terceiros, por proposta de uma das partes e mediante aceitação prévia da outra, as acções em si compreendidas.

ENCONTRO NA GRÉCIA

Um encontro internacional subordinado ao tema "A educação e os grupos desfavorecidos" teve lugar em Perama, na Grécia, em 28 de Janeiro, no abrigo do 3^o Programa para a Integração dos mais Desfavorecidos de Perama — programa europeu de luta contra a pobreza, Pobreza 3.

O IAC esteve presente, através do Projecto de Trabalho de Rua, com as técnicas Maria João Malho e Raquel Coelho.

Intervieram representantes do Projecto AM 9 de Perama, de escolas e universidades de Perama, Tessalonica e Liège e uma representante da Comissão da Comunidade Europeia.

O tema do encontro foi a escola, tendo sido abordada a formação e mobilidade dos professores, o abandono e insucesso escolar, a falta de bons espaços escolares e apoios aos professores, o desemprego ligado à desestabilização familiar e consequente reflexo na vida escolar das crianças pequenas.

Foi possível concluir que os problemas referidos são semelhantes aos que temos em Portugal e que a desadaptação da escola à sociedade actual é geral na Europa.

